

P893

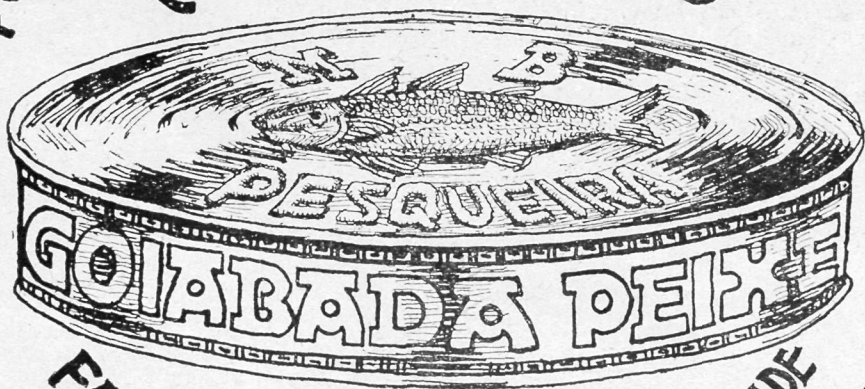


REVISTA *Numero 141*
DA CIDADE *Anno IV*

A SOBRE MESA

DA PREFERENCIA DE TODOS
HA 30 ANNOS, SEMPRE FOI
E SERA'

PEDIMOS AOS NOSSOS COMPRADORES NAÕ
CONFUNDIREM OS PRODUCTOS
MARCA **PEIXE**



COM OUTROS
FABRICADOS NA MESMA LOCALIDADE

FABRICANTES:

Carlos de Britto & Cia.

RÉCIFE — PERNAMBUCO — PESQUEIRA

ACIDO URICO
O FLAGELLO DA VELHICE
 ELIMINE O ACIDO URICO COM O
HYDROLITOL

A mais saborosa agua mineral
 A mais diuretica agua de mesa
 A mais digestiva agua gazoza
 A mais barata das aguas.

HYDROLITOL VENDE-SE EM TODAS AS PHAR-
 MACIAS, DROGARIAS, MERCEARIAS E NO POSTO
HYDROLITOL A RUA NOVA N.º 317—Caixa com 10
 litros 5\$000—1 litro \$600.



O sr. Modesto Leal sahindo muito ce-
 co, de amanhã, encontra na rua um mendi-
 go, que o conhecia, e que lhe dirige a pa-
 lavra:

—Bom dia, sr. conpe, já na rua, de
 manhã tão cedo?

—E' verdade, vou dar um giro a pé
 afim de ter um pouco de appetite ao almo-
 ço. E você, que está fazendo?

—Precisamente o contrario, ando a pro-
 cura de um almoço para o meu... appetite.

Criada "up to date"

— Olha, Rosinha, nós vamos ao thea-
 tro, e só chegaremos em casa bastante tarde.

— Não teni duvida patroa, responde a
 dita, com toda a simplicidade, não era preci-
 so a senhora pedir-me desculpas por tão
 pouco.

Scenas de rua

—Pois você pede-me esmola de chapeo
 na cabeça?

—E' para distarçar; não vê o guarda
 civil ahi na esquina? Assim elle pensa que
 somos amigos.

Entre marido e mulher:

—Não imaginas, como ficas feia quan-
 do ris.

—Então é ror isso que me fazes cho-
 rar tão a miudo!

Depure seu Sangue

Fortaleça seu Organismo

Augmente seu Peso

Com o tratamento pelo
 Elixir de Inhame, o doen-
 te experimenta logo uma
 transformação no seu es-
 tado geral; o appetite au-
 gmenta, a digestão se faz
 com facilidade (devido ao
 arsenico), a côr torna-se
 rosada, o rosto mais fres-
 co, melhor disposição para
 o trabalho, mais força nos
 musculos, mais resistencia
 á fadiga e respiração facil.

O doente torna-se flores-
 cente, mais gordo, sente
 uma sensação de bem es-
 tar muito notavel. O elixir
 de Inhame é o unico depu-
 rativo-tonico, em cuja for-
 mula tri-iodada entram o
 arsenico e o hydrargirio e
 é tão saboroso como qual-
 quer licor de mesa.

DEPURA - FORTALECE - ENGORDA

Na "Revista da Cidade" ac-
 ceítam-se serviços de enca-
 dernação, a preços módicos

REVISTA DA CIDADE

SEMANARIO DA VIDA MUNDANA
DO RECIFE

Dispondo de bem installadas officinas,
acceita todo e qualquer serviço de arte graphica

Rua do Imperador Pedro II — 207

A Cerveja maltada

Malzbier

é um poderoso fortificante,
de delicioso paladar

REVISTA DA CIDADE

Propriedade da "S. A. Revista da Cidade"

(OFFICINAS PROPRIAS)

Redacção e Officinas: Rua do Imperador Pedro II, 20-

Endereço Teleg.: REVISTA—Phone 0.015

RECIFE — PERNAMBUCO

Director-gerente — J O S É D O S A N J O S
Director-secretario — J O S É P E N A N T E

C a r n a v a l

Ella entrou por uma porta e sahiu pela outra.

Tal qual a Vaquinha Victoria.

Mas estava vestida de azul, toda de azul, desde o chapéo maluco até os sapatos tambem.

Foi-se embora.

Deixou a lembrança nos olhos de qualquer coisa boa.

Deixou nos ouvidos a lembrança de uma gargalhada sem fim.

Uma historia ?

Um engano, da sensibilidade ?

A alegria ?

A dôr fantasiada ?

Não sei...

Uma mulher...

Entrou por uma porta e sahiu pela outra...



A l v a r o M o r e y r a

AO CAIR DO SOL

Num galeão de nuvens, para a Aurora
Embarca, ao largo, o sol. E, de longada,
Para assistir ao grande bota-tóra,
Vem, pela terra, a sombra amargurada.

Desce, entre os castanhais, pela assomada,
Campainha a tocar, o Senhor fóra.
Passam pombas, no ar, em revoada;
Ouvem-se, ao longe, os gritos duma hora.

E o Senhor vem passando: e com Ele vai,
A cantar o Bemdito, de mansinho,
A gente que acompanha Nosso Pai!

E as ceifeiras deixaram de ceifar:
Ajoelham á beira do caminho,
E ficam de mãos postas, a rezar.

ANTONIO CORREIA DE OLIVEIRA

VAUQUELIN, o notavel chimico, foi convidado um dia a assentar-se á mesa de Napoleão, que muito se comprazia em rodear-se de sabios.

Quando Monge e Chapal souberam que estaria á mesa o grande chimico, disseram a Napoleão: Vauquelin é tão apaixonado pela especialidade que, tocando-se neste ponto elle se esquece de tudo mais, mesmo de comer.

Pois vamos experimentar, retorquiu Napoleão.

Dito e feito. Apenas assentados a mesa, alguém fez a Vauquelin uma pergunta sobre chimica. O homem se poz a discorrer, e não mais cessou não se lembrando siquer dos pratos que lhe punham e tiravam.

Levantam-se, retiram-se, e elle tambem.

Encontrando-se com

Fourcroy, Vauquelin lhe diz: "Admira como é a gente mal servida na mesa de Napoleão. Nunca comi tão mal".

Então Fourcroy lhe explicou que era um laço que haviam armado á sua paixão scientifica, e que se lembrasse de não ter comido nada.

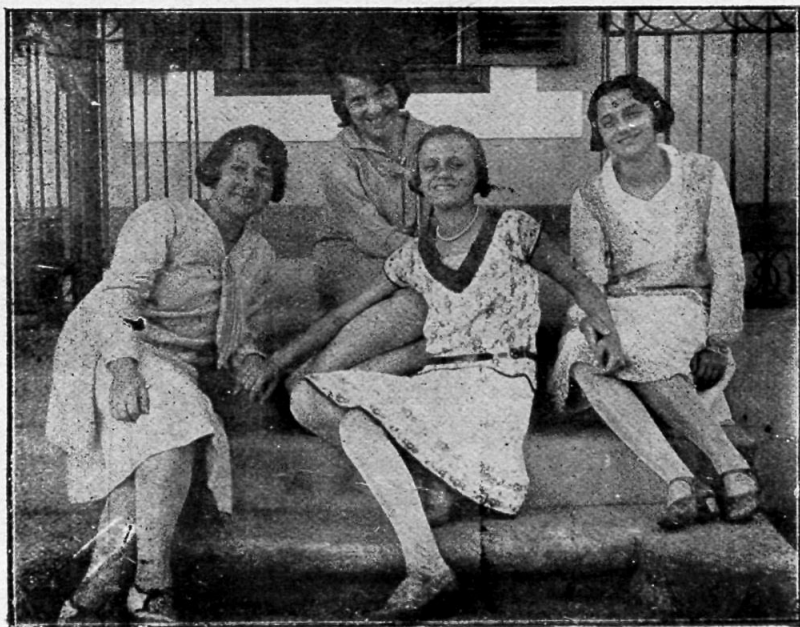
Vauquelin não se agastou, mas protestou não fazer mais conferencias á hora das refeições; e dahi em diante achou sempre pretexto para não aceitar os convites imperiaes.

TUDO é igualmente vão nos homens as suas alegrias como os seus pezares; mas mais vale que a bolha de sabão seja de oiro ou de azul, do que negra ou cinzenta.

O espirito contrae tão facilmente o habito da preguiça como o corpo.



Na praia de Pajussara, em Maceió



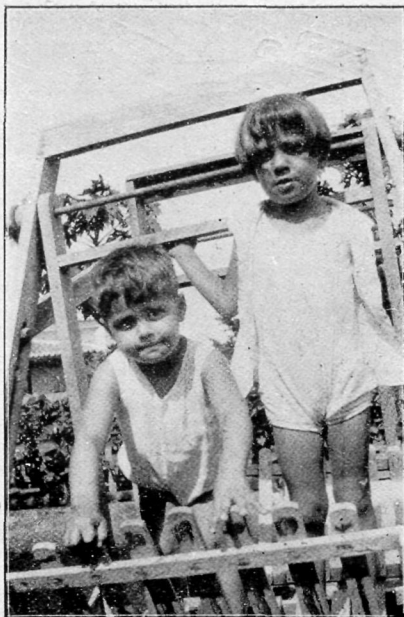
Quatro
degrãos
felos...

Quatro
criaturas
bonitas...

INGRATO jovem, querendo desfazer-se d'um cão fiel, resolveu afogá-lo.

Para levar a bom termo seu intento, tomou um bote, distanciou-se da margem e no meio da corrente atirou-o n'agua. Mergulhou o cão voltando momentos depois á superfície das aguas, fazendo esforços desesperados para alcançar a embarcação. Cada vez que se approximava, o perverso dono fazendo uso do remo arremessava-o ao fundo da corrente.

Como se prolongasse essa lucta entre o homem e o animal,



Mauro e Naná, dois terríveis e galantes leitores da "Revista da Cidade"

exasperado procurou [o primeiro, com as mãos ambas, segurar o remo, afim de desferir sobre o innocente animal o golpe fatal: perdendo o equilibrio, porém, cahiu na corrente.

Mudou a scena como por encanto: viu-se o cão agarrar nas fortes presas a blusa do ingrato e com elle nadar até a margem, onde o depoz são e salvo após ter corrido o risco de ser arrastado muitas vezes pela corrente.

MITA a natureza e, com ella põe a miã numa vida cada vez mais activa.



(F. Rebello)

PARA ADVINHAR A PREMIO: QUEM SÃO?



C A R N A V A L

Mais oito dias e a cidade estará, de facto e direito, entregue á grande Folia. Não ha nada melhor que o carnaval. E' o reinado desse deus maravilhoso que chega, dá um ponta-pé na tristeza e deixa a gente feliz por quatro dias. Que pena que sejam só quatro dias! Podia ser uma dezena. Ou um mez... Se fosse o anno todo, que boa seria a vida!

Seja como fôr, a Pandega vem ahi e quem tôr triste que vá ouvir a "Ramona" em victrola. Quando sôam os clarins de carnaval, só ha um caminho a seguir: é ca hir de corpo, alma, coração, figado, etc, nessa cousa maravilhosa que é o frêvo.

Viva o Carnaval!

Viva a Folia!

Fôra a Tristeza!

anno muito gente vae ficar "banzeira"... Do sabbado gordo para o domingo gordissimo, o Palacete Azul vae vêr o frêvo rôxo. Quem não puder aguentar firme, fique em casa, pensando na estabilização do cambio ou no meio de pegar o Lampião. Quem estiver disposto a esquecer as amarguras da vida, então vá ao "Jockey" e depois venha dizer cá fóra se ha cousa melhor que a Folia. O coronel Tonico Fer-

reira quer vêr o "Jockey" corrêr de ponta erompta-se firme para o pareo de honra.

O velho "Internacional" não quer fazer feio nessa época de Voronoff. A animação está ultra. Rosa Borges, Pinto Lapa, Machadinho, Nelson Vaz, Faria... Que gente! Não esmorece nem com a crise. Carnaval é carnaval e o mais é historia fiada. Vae haver surpresas. As marchinhas cantadas vão ser um gosto. A orchestra vae ter uma duzia de professores, oh! rojão! As paredes estão pintadinhas de uma porção de cousas bonitas. E de tal maneira que a gente chega, entra e quando quer sahir, "que dê"? Não sae mais. Fica. Amanhece o dia e o pessoal, ali, firme, dansando. E' assim que vae ser o negocio. Em



O "Jockey" está trabalhando que é um gosto. Este

1929, afirma o pessoal, ninguém faz teio.

—

A turma de S. U. Britânica mandou um "ultimatum" à Tristeza, o "Country", depois das 21 horas vai virar "coisa"... A alegria entra em casa, aboleta-se com todas as honras e a madrugada vira, gostosa como um tonel de "Wiskey". A turma do "Country" só pede um favor: quem fôr triste, fique em casa, porque a senha é perigosa: "the righth man in the righth place".

All righth...

—

No pessoal que vai para a rua, nem é bom falar. Ninguém fica em casa. Nem a oposição, nem o governo. A política será de paz e só contará vitória quem souber fazer melhor o passo da teozura, na onda desbragada do trêvo.

As phantasias serão inúmeras e cada qual melhor. Os foliões não querem desmentir a tradição da terra. Pernambuco pode esquecer tudo, mas nunca o carnaval legendário da "ondia", que o Mario Mélo defende com o ardor de um folião a 1830, como compete à sua elevada posição alegre e de secretário perpetuo da maior instituição archeologica e

geographica desses Brasis que Pedro Alvares Cabral descobriu já com um cheirinho de carnaval, com "caboclinhos" e "maracatús".

Assim sendo, e por estar conforme, não ha nenhum mal em declarar que vamos entrar na semana da pandega com a disposição heroicamente pernambucana de attender contra o regimen da tristeza, decretando a alegria obrigatoria que ainda é a melhor cousa dessa vida que nos outros dias a gente faz a tolice de quem levar a serio.

Soam os clarins.

E' Carnaval.

Viva o Carnaval!



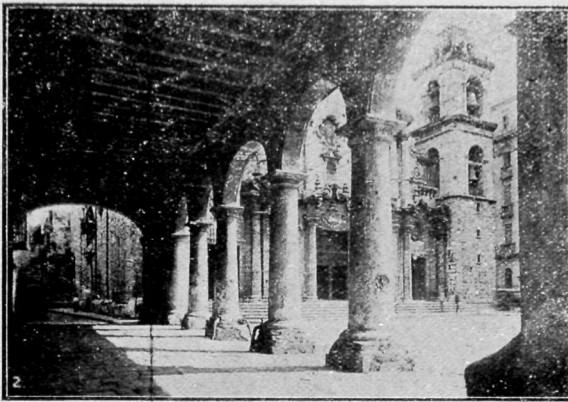
D. Pedro Segundo visitou tres vezes a provincia de S. Paulo: — em 1846, 1876, 1886 e de todas essas visitas ficaram anedotas e contos deliciosos, que os livros não archivaram, mas a tradição conserva. Em 1846 foi a famosa quadrinha ao povo ytmano: — O sincero acolhimento Do fiel povo ytmano Gravado fica no peito Do seu grato soberano.

Em 1876 não menos interessante foi a visita á fonte do Itoróro: D. Pedro Segundo Esta fonte visitou, E para mais honrá lhe dar, Dois copos d'agua tomou.

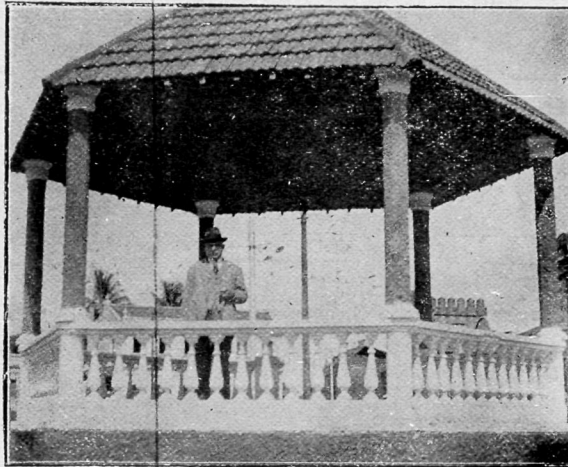
Em 1886, na estação de Araraquara José Bertoni começou um discurso: — Ma esta, in nome della colonia italiana! Isto aos gritos para ser ouvido pela multidão: mas, o imperador foi logo dizendo: — Parla poco e basso. O orador embatucou. Na estação de Mineiros, o conde do Pinhal mandou substituir a taboleta para d. Pedro Segundo, e quiz proferrir algumas palavras; mas o imperador foi logo dizendo: — Muito obrigado, senhor Pinhal pelo discurso. O discurso eu lerei nos jornaes.

E assim, com esse mau humor, o imperante foi durante a viagem toda apreciando as coisas e contrariando os homens.

Em Soracaba, porém, houve um principio de desastre: — o imperador tropeçou numa calçada, ou os cavallos do carro iam disparando, já nos não lembramos



Interior de um grande templo de Cuba



O coronel Antonio Azevedo, alto commerciante nesta cidade depois da passeiando em Beberibe de seu regresso da Europa.

bem, e um negociante daquella cidade conseguiu evitar o desastre, segurando fortemente o imperador, ou tomando resolutamente os cavallos pelos frejos. O caso

é que todos applaudiram a intervenção effcaz e prompta do negociante, que toi cumprimentadissimo.

— Muito obrigado, muito obrigado o senhor

salvou-me de boas; senhor camareiro to me nota do nome deste fiel subdito.


O heroe daquelle dia não tinha taboleta na sua casa de commercio; mas, mandou fazer uma com a maior urgencia. E no dia seguinte, os sorocabanos puderam ler em letras garrafaes, bem no alto e centro da loja os seguintes dizeres:

— “Ao Salvador da Monarchia”.


E a freguezia cresceu tanto, que o negociante tornou-se dos mais fortes da zona.

ELYSIO de Carvalho, estheta, cultor de policia scientifica e homem de acção, era tambem um arguto “detective” á maneira de Bertillon e de Reiss. A policia empyrica trabalha na sombra; a policia scientifica á luz do raciocinio positivo e descoberto. Reiss desafia o criminoso e floreteia com os factos, frente a frente. Assim toi sempre o agir de Bertillon e a acção do tambem grande investigador criminal dr. Balthasar, que tão interessantes casos revelou á policia tranqueira.

Dentro desses mesmos moldes Elyσιο de Carvalho realizou varias investigações de algum vulto. O que porém, vou cortar, é um caso simples, mas curioso, a maneira da critica moderna que mais elucida com um pequeno facto anedoctico que com um episodio de grande narração: — O chefe de uma grande casa com-



CÊ
PARA DÔR
DE DENTE



DR. LUSTOSA

mercial fôra furtado, em sua residencia, na quantia de 12:000\$000. Não querendo levar o caso ao conhecimento da policia e dos jornaes, o commerciante resolveu chamar o seu amigo Elyσιο de Carvalho. O elegante investigador, dentro dos ensinamentos scientificos, foi fazer o exame do local do crime. A analyse cuidadosa foi de todo ponto sem resultado. O dia já ameaçava findar e o commerciante sorria do fracasso da policia moderna, tão rigorosamente estudada pelo operoso publicista.

Elyσιο de Carvalho havia examinado o interior da casa e esse local nada revelára. Elle examinou então a aprazivel chacara, que é no barro das Aguas Fereas, e interessou se por uma pequena dependencia que serviu de deposito de ferramentas de agricultura. A fim de descansar, voltou ao interior da casa, onde lhe serviram, como compensação de sua derrota, uma chavena de chá. Elyσιο de Carvalho sor-



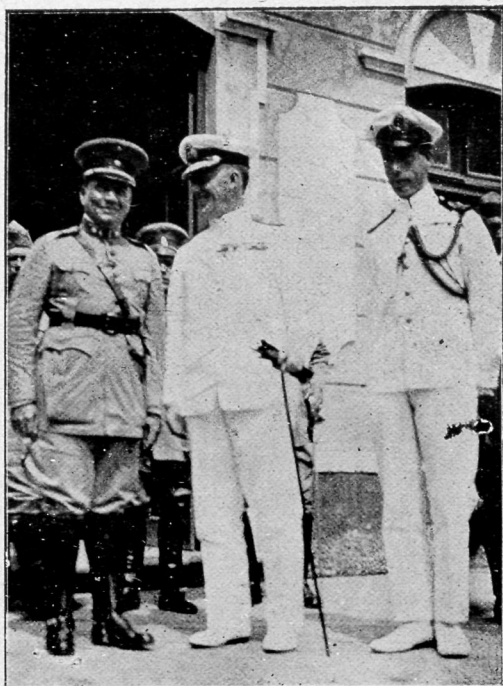
veu a bebida sagrada dos nippões e depois de tirar algumas fumaças do seu charuto Henry Clay, disse para o seu amigo:

—O caso está desvendado...

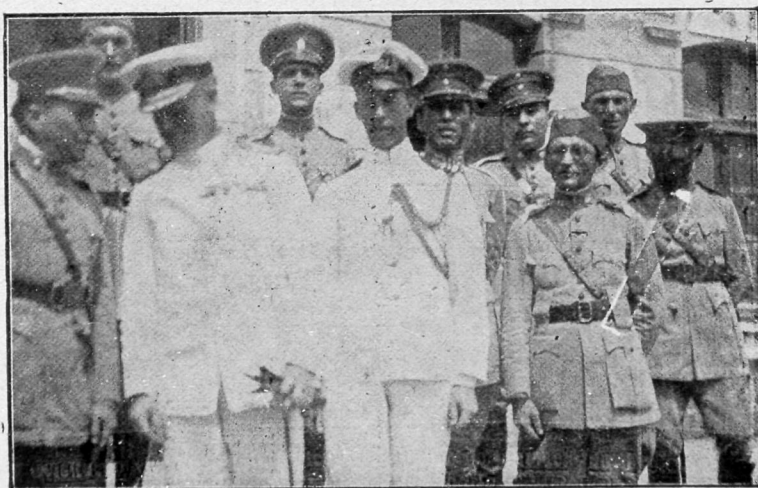
—Com franqueza, respondeu a victima, cada vez vejo mais difficil.

—Vamos ali fóra, um instante.

E não só os dois, mas todas as pessoas que ali se acham, dirigiram-se ao quintal da casa. Ali, o "gentleman" e "detective", indicando o pequeno telhado do deposito de ferramentas, fez notar que havia signaes recentes, indicando que uma pessoa por ali descera apoiando-se nas mãos. Em seguida fez com que notassem uma telha um pouco levantada e disse ao maior interessado: — "Pode subir naquella pequena escada e retirar o seu dinheiro." "E com um pequeno esforço o commerciante retirou do local indicado um embrulho que continha os seus 12 contos.



O vice-almirante Cyril Fuller, do "Despacht" entre o seu ajudante de ordem e o coronel Wolmer da Silveira, commandante da Força Publica do Estado



Visita do vice-almirante inglez Cyril Fuller no quartel do Regimento de Cavallaria de Policia

O QUE FICOU NA POEIRA DA SEMANA...

Como é máu o despertar de um sonho!

Foi como um lindo sonho. Ella ficou a pensar que o rapaz de óculos com aros de tartaruga era um moço rico, tão rico que fosse capaz de realizar o seu grande ideal na vida. E o seu ideal na vida é pouco: um palacete, dois automoveis, viagem de nupcias á Europa, outra viagem á America do Norte para ver de perto a famosa Hollywood e um cheque mensal de cinco contos de reis... para os alfinetes. Ora ahí está como é simples e bom sonhar. O que houve, porém, é que o rapaz de óculos com aros de tartaruga ganha seiscentos mil por mez, possúe algumas dividas e a esperança... de outras maiores.

Que licção, hein senhor commerciante!

A linda criatura cançou de esperar. Esperou muito que o joven commerciante se resolvesse. Elle, muito tímido, não soube tomar a offensiva, como lhe competia. Intelligente o bastante para comprehender que ella o desejava, faltou-lhe, todavia, o animo para atacar. Esperou talvez que ella o procurasse. Por isso, o romance suavemente entresenhado não chegou á realidade. Morreu no primeiro capitulo. E como em tudo na vida ha successores, o successor do joven commerciante foi um exemplar inverso do d'elle, atrevido, forte, desapaixonado, brutal, mas valente e desassombrado como ella queria. A vida é assim...

Um romance de paginas em branco...

Não houve psychologo, até hoje, que soubesse explicar a razão porque certas criaturas são arrastadas para outras tão irresistivelmente. Esse foi o caso daquelle moço circumpecto, tão monigerado que se diria incapaz de uma explosão de sentimentalismo. O destino levou-o, uma vez, á presença da criatura que deveria ficar em primeira linha na sua vida sentimental. Veio dahi um desses romances encantadores, cheio de suaves recolhimentos de alma, de dedicações apaixonadas, de subtilezas passionaes. O curioso é que ella nunca demonstrou perceber o fogo que ateou na alma do rapaz. E elle, como não pode dizer-lhe tudo, dá-se a um malabarismo de attitudes para fazel-a comprehender o que a sua alma sente de doida emoção ao vê-la, ao perceber-lhe o alheamento desesperador. Isso irá até quando? Quem o sabe? O destino, que se compraz em brincar com as criaturas, arma, ás vezes, cada surpresa...

Das 14 ás 17, expediente para o publico...

Quinze horas e mais alguns minutos. O scenario é de repartição publica. O chefe, um rapaz sympathico e, pelo visto, querido, utiliza o telephone. Meia voz... Palavras ciciadas. Promessa de madrigaes. Phrases: Então, logo mais, á noite... — Ahí deve estar mais fresco, aquí está um calor...— Você é um anjo! —Cuidado com "A poeira da semana"!— Conhece o auctor?— Não?! — Elle é discreto e usa no maximo, as iniciaes...— Ah! ás vezes põe uma "penninha" para atrapalhar Sim? Então até á proxima telephonema...—

Adeus!—Tudo isso uma historia que faz disposto o chef. Continúa o expediente. Das 14 ás 17, expediente para o publico...



A
G
L
O
R
I
O:
S
A
C
E
R
T
E
Z
A

Certeza de que és bem, no meu Sonho, a Enviada,
a Differente Exul que minha Ansia bemdiz!

Certeza de que vens, sôffrega e deslumbrada,
para que eu seja bem feliz!

Certeza deste bem nascido
Idéal, a florescer dos Tempos através...
Certeza que me faz glorioso e commovido!
Certeza que me põe de joêlhos a teus pés!

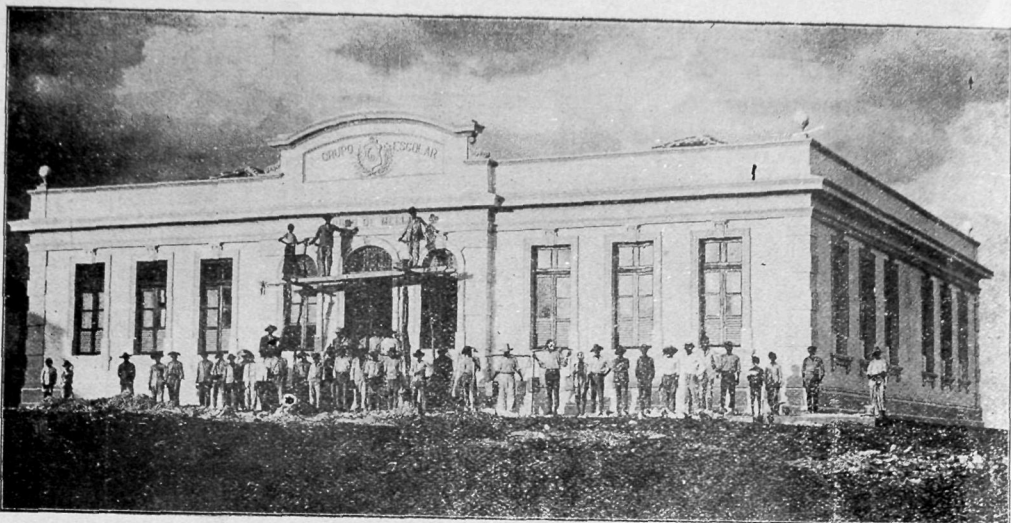
Certeza de que em vão não me bates á porta,
e a porta, emfim, não te abro em vão...
Que, ao teu Milagre, a Vinha Morta
resuscita, feliz, para a Nova Sazão !...

Certeza de que és toda a Promettida, a Estranha
que, por Senhora e Dona, em minha alma elegi !
Certeza de que a luz em que o meu sêr se banha
é a doce luz que vem de ti!

Certeza de sagrar em ti a Excelsa Rosa,
a Unica, a "Só" de meu jardim :
Vida, essencia e fulgôr da Alegria Gloriosa
que anda a cantar dentro de mim!

Certeza de que vens, corôada de pureza,
maravilhosa de intimo esplendôr,
divinizar a esplendida certeza
do meu, do teu, do nosso lindo Amôr!...

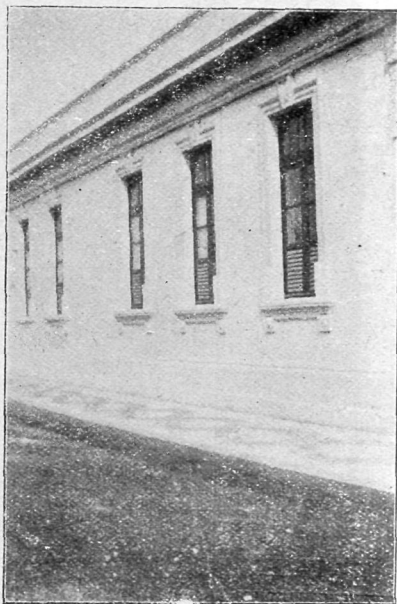
D
E
A
U
S
T
R
O
|
C
O
S
T
A



Grupo Escolar Julio de Mello, do municipio de Floresta, e um dos melhores do Estado



Dois detalhes do edificio interna e externamente



LAMPADA DO AMOR

Luz! Mas onde é que a luz está? Que se erga e fulja á abrasadora flamma do desejo!

Eis a lampada, mas sem que arda nella a chamma: terás igual destino, coração?

Ah! seria morrer para i preferivel.

Vem bater te a miseria á porta: o seu recado é de que está ve-lando o teu senhor que te manda chamar para o encontro da noite.

Vão sombreando o ceu bastas nuvens, e a chuva sempre a cair...

Não sei o que é que surge em mim... Nem sei tão pouco o que isto quer dizer.

Luz! Mas onde é que

a luz está? Que se erga e fulja a abrasadora flamma do desejo!

Troveja; o vento ul-lula, abala e gela os ares.

E' negra a noite como negra ardosa... Não o deixes decorrer a tua hora no escuro. Usa, que o farás bem a tua propria vida, para ac-cender a lampada do amor.

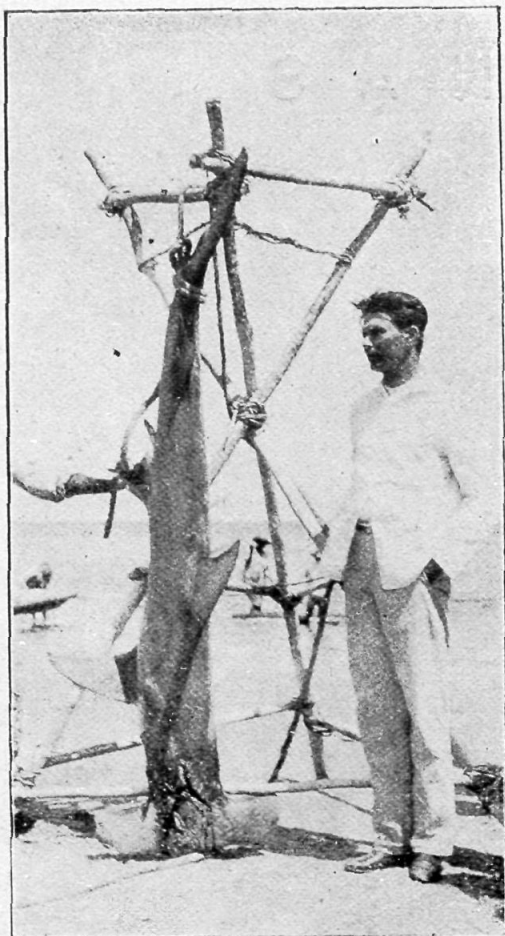
RABINDRANATH TAGORE

De subito, a faisca de um relampago torna a por nos meus olhos uma treva mais profunda; e eis que o meu coração, tateandó, busca o pequeno atalho, para o qual a musica da noite me convida...



N ESTES tempos de vida difficil, em que o "beef", no restaurante, é tão pequeno que fica escondido debaixo da batata é talvez perversidade fallar no appetite de certos homens de letras, sobre o qual acaba de apparecer, na França, um estudo interessante.

Effectivamente, e ao contrario do que muita gente suppõe, os homens de genio são em geral, formidaveis glutões. Victor Hugo, por exemplo, comia como um gigante. Em seu prato principal, criação sua que elle reputava superior a "Legende des Siècles" e á "Notre Dame de Paris", era um aferventado formidavel, em que entravam costeletas de vitello feijão, azeite, vinagre, ovos, tomates, mostarda e queijo. Por cima disso, que era devorado furiosamente, derramava



A pesca do tubarão...

o poeta diversas chicharas de café, grandes como copos.

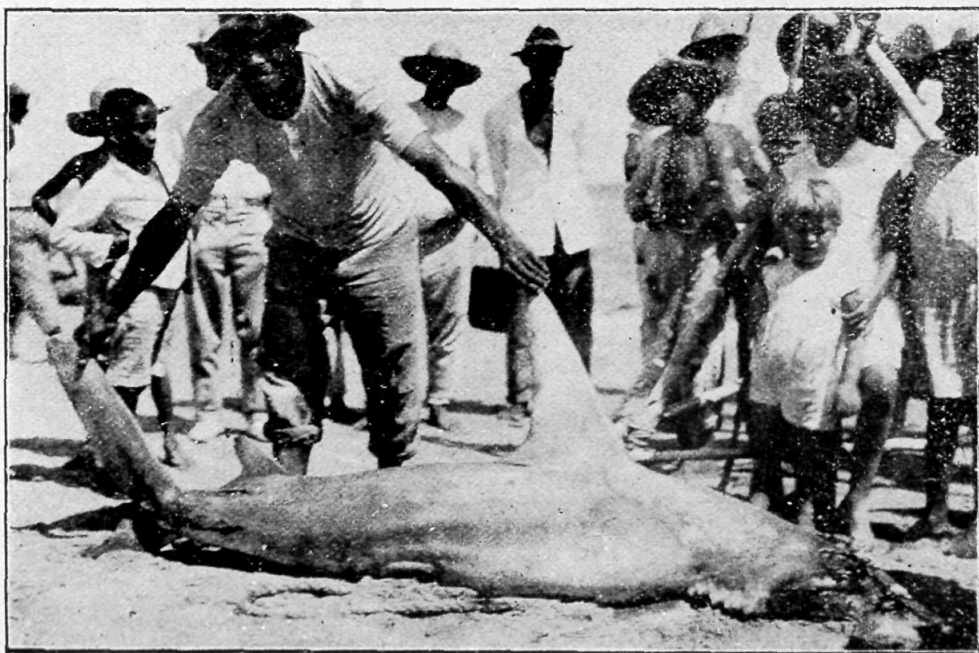
Balzac era outro garfo que igualava com a penna. Quem o visse á mesa, comendo e bebendo com soffregidão, suppol-o-hia com oito dias de fome. E como comia depressa e bebia a grandes góles, dava a impressão de quem nunca se havia sentado á mesa entre gente de educação.

Alexandre Dumas, o velho era no genero, um digno companheiro de Balzac, e de Hugo.

—Nunca me sentei a uma mesa que comesse menos de tres "beef-steaks"... dizia-lhe.

—A não ser quando só havia dois...

No Brasil, essas tres grandes figuras das letras francezas devem ter outros irmãos. Aqui, o que falta não são os gastronomos: são os "beefs".



... na praia de Ponta de Pedras

O CACHO DE BANANAS

(Reproduzido do «Diário
de S. Paulo»)

— Quê? Um cacho de bananas?

Affonso VI, o pobre, bragança mentecapto, com as suas barbas ruivas, paralytico, a bengala de castão de ouro na mão, despachava naquella tarde com o conde de Castello-Melhor. Ao ouvir o ministro, que acabava de lhe contar tão pittoresca excentricidade, o rei abriu a cara bochechuda numa gargalha ruidosa.

— Quê? Um cacho de bananas?

— Sim, Majestade! Um cacho de bananas...

Estavam no fim do despacho. O conde de Castello-Melhor, antes de sahir, communicára ao soberano o extravagante caso:

— Está em Lisboa, ha já duas semanas, o velho Manuel João Branco. Veiu elle no Brasil...

Affonso VI, recordando-se:

— Manoel João Branco? Parece que já ouvi falar...

— Vossa majestade, certamente, já ouviu falar... Manuel João Branco è aquelle que foi despachado para S. Paulo. E' o governador das minas de ouro. Vossa majestade não se recorda?

— Ah, já sei... Já sei...

— Pois vem elle do Brasil, com sessenta e quatro dias de ruim viagem, só para ter a honra de beijar a mão do rei. E como bom vassalho que é, pensou o brasileiro em galantear á vossa magestade com um presente da sua terra. Por isso, com grandes minios, trouxe elle no galeão, do Brasil, um cacho de bananas.

Trazer da America, ao rei, um cacho de bananas! Onde já se viu idéa tão burlesca? Aquillo, por certo, era capricho de velho tonto.

Affonso VI, ouvindo, pôz-se a rir gostosamente, portuguezmente! No entanto, apesar da extravagancia, o rei consentiu logo em receber o homem e o presente. Que fazer? Manuel Branco era de S. Paulo. E gente de S. Paulo, gente que ia pelos sertões á cata de ouro, carecia, naquelle momento, adoçada com deferencias que envaidecessem.

Já se lá iam, longe, os tempos dourados das Indias. Não mais, emmastreando o Tejo, aquelle antigo, borborinhante formigueiro de náus, som es-

quifes suspensos nos costados, a despojarem nos mazen de Lisboa os carregamentos formidaveis das colonias asiaticas. Não mais, enriquecendo o rei e o reino, a pimenta do Ceylão, o cravo das Molucas, camphora de Bornéu, o locar, as baetas, as sedas, cavallos de Ormuz, as perolas do Pegú, o benjo de Sumatra. Não mais, praguejando, os mercant judeus, com os saccos atulhados de moeda, supplicando ao administrador das alfandegas, aos bradeses, que recebesse sem demora o ouro dos seus impostos.

Tudo passára. A velha opulencia do Rei desabára por terra, em cacos.

Portugal, nas Idias, perdera a sua bella hegemonia colonizadora. E empobrecia. Estava exaurido e endividado. Os inglezes, credores frios, depois do tratado de Methwen (dillo Oliveira Martins) "havia feito de Portugal uma fazenda; uma vinha da Gr Bretanha no Meio-dia".

Era desoladora a situação nacional. Em muitas aperturas, dentro do cipoal das cambias, bruxuleava á metropole apenas uma esperanza; o Brasil. E com razão! As minas da colonia, as tão sonhadas, as tão suspiradas minas, entremostravam-se já, rispidamente, com as suas areias e cascalhos amarelados de metal fino. Os veios fartos de Cataguazes de Sabarabussú, como por milagre, começavam já a mandar ao reino, alvoroçando-o, as primeiras arbas de ouro em bruto. Portugal, esporeado na sua cobiça, tinha os olhos cravados na terra americana. E o rei, com estudadas arteirices, não se cansava de mandar vistosas cartas, assignadas do seu proprio punho, aos vassallos de além mar, insuflando-os e incentivando-os.

Os paulistas, com as cartas aduladoras dentro das buacas e com ambições asperas dentro do coração embrenhavam-se pelos mattos bruscos, como bandos selvagens de caitetús. Não havia barreiras para aquelles homens barbaçudos, vestidos de couro, a catana de ferro ao hombro, a adaga afincada no cintão e a onça. Sertanejos epicos! Varavam aguas, rachavam morros, cavocavam chãos, rompiam mattagaes, arrebuzavam bugres, venejam paludes. Eram elles, barbaros, que iam, visionariamente, pelo Brasil adentro, á busca de esmeraldas e ouro. O rei, lá da corte, desmanchava-se para com elles em palavras doces pagava-os com cartas. Galardoava-os com habitos de Christo. E espicaçava-os, espicaçava-os... Ah, as minas de ouro! Ah, os paulistas!

Eis porque, ao saber que Manuel Branco, vindo de S. Paulo, queria, com o seu cacho de banana beijar-lhe a mão, Affonso VI não hesitou em ordenar, pressuroso e affavel:

— Pois mandae-lhe dizer, conde, que venha amanhã! Amanhã, depois da merenda, dou a mão de beijar ao brasileiro.

Nessa tarde, na sua hospedaria dos arcos do Rio de Janeiro, Manuel Branco recebia, por dois escudeiros agalofados, a ordem altamente envaidecedora de beijar, a outro dia, depois da merenda, a mão do rei.

* * *

Manuel João Branco, casado com Maria Leme, sobrinha de Fernão Dias Paes Leme, conquistado das esmeraldas, era, desde 1624, governador das minas de S. Paulo.

Metteu-lhe na cabeça, já branca, a idéa de ir

Portugal beijar a mão do rei. Não valeram conselhos, nem palavras de peso. O piano estava rudemente assentado no velho turrão. Nada o demoveu.

Ajuntou as suas peças de ouro, luziu as sapaterras de cordovão, agalouu escravos, entupiui canastras. Um dia sem prôa nem espaventos, metteu-se singelamente num galeão e tocou rumo ao Tejo. Levava, para uso privado, o seu fumo de rolo, o inqueiro de pedra, dois saquinhos de pimenta, um alqueire de passoca de porco. Conservou, na travessia, os mesmos rudes hábitos de provinciano. Timbrou com acinte, em não mudar dum atimo o tom de vida que mantinha no Brasil. Era saborosamente ridiculo. Os companheiros riam-se delle. Chasqueavam-n'o sem dó. Mas o brasileiro, indifferente á mofa, desembarcou tranqullo em Lisboa. Aboletou-se na «Hospedaria da Bemfeitinha». Trazia, com orgulho, para beijar a mão do rei, um cacho de bananas.

Solicitou, por via do ministro, a audiencia real, tão longamente ambicionada. Esperou. Emfim, depois de duas semanas, o dia da audiencia chegou.

São tres horas da tarde. A rua Nova ferve. Grande alvoroço! Ha gente aos bandos pelas esquinas. Formidável assuada vae estrondeando pela rua abaixo. São apupos turiosos. Gargalhadas e berros. Os garotos da Cotovia assobiam desabaladamente. O barulho é infernizante. O povo, ao fragor da assuada, accorre em chusmãs cada vez mais densas. E a assuada engrossa. E os berros redobram. E o eslrépito da vaia rebôa cada instante mais fragoroso. Que é? Um caso comico! E' que desce pela rua Nova este inesperado sequiú:

Quatro mulatos, fardados com fardas douradas, vão á frente, rompendo o povo, á moda de batedores. Dois escravos, em seguida, carregam larga bandeja, de prata. Ha, na bandeja, qualquer coisa que vem recoberta por vistosa, alvissima foalha de rendas. Atraz, quatro outros escravos, quatro forçados negrões de Angola, suspendem aos hombros com pericia, custosa rêde, brasileira. Deitado na rêde, tranqullo, um velho. E' Manuel João Branco.

Imperturbavel, com a mesma serenidade com que atravessaria as ruazinhas de S. Paulo, o brasileiro corta aquelle gritante borborinho do povo. Não se preoccupa. Vae socegado, indifferente. Embalde as vaías ensurdecem. Embalde os assobios silvam. Embalde a multidão se precipita, ás gargalhadas, a vêr o brasileiro bizarro. Manuel Branco não se afilige. Affronta o ridiculo com esmagadora superioridade. E lá vae, risonho, nos hombros dos escravos. Lá vae, descuidosamente, aos cambaleios da rêde, com os mulatos á frente, beijar a mão de rei.

Negra massa acompanha o prestito. Segue tudo atraz do extravagante personagem. Para onde diabo se dirige aquelle entruído?

Os escravos alcançam o Terreiro do Paço. No palacio do rei, ao estrondo do povo, acodem cortezãos ás janellas. Voltam todos rindo, rindo a perder, mostrando lá embaixo a procissão espaventosa:

— O brasileiro! O brasileiro!

Manuel Branco continua, impassivel. Em frente ao Paço, os escravos estacam. Manuel Branco salta da rêda. Entra na casa do rei. Sóbe desembaraçado as lergas escadarias atapetadas. Dois escravos, com a bandeira de ptata, seguem o sertanista pelo paço a dentro.

* * *

D. Affonso VI, no salão dos despachos, espera o brasileiro. A rainha, curiosa tambem veiu. A rainha com os olhos fincados no principe D. Pedro. irmão do rei, é aquella fragil Maria de Nemours, princeza de França, perturbadora boneca de luxo, que trouxera, da côrte civijizadissima de Luiz XIV, todos os vicios requintados da época. Lá está, junto ao soberano, o conde de Castelo-Melhor, o homem poderoso que governa o reino. Lá está o bispo de Thesalonica. Lá está, pintalgando a sala, muita peruca de faceira. E muito quitô de ouro. E muito punho de renda. E muito bofe de Hollanda.

Todo aquelle mundo, palaciano e frivole, viu' atravez das janellas. o brasileiro vir pelo terreiro do Paço, deitado na rêde, com seus mulatos de librê, vaiado pela garotada da Cotovia. E todo o mundo ri... E' um gozo!

Eis que o escudeiro levanta o reposteiro de veludo. Anuncia alto:

— Manuel João Branco, administrador das minas de S. Paulo!

O administrador entra. E' homem tosco, enrugado, os cabellos brancos, dois olhinhos vivos, que lampejam.

Manuel Branco, sem embarço nem vexame, attavessa pausadamente o salão. Aproxima-se do rei. Ajoelha-se Beija-lhe as mãos. Depois, com embasbacante sem-cerimonia, vira-se para os escravos. descobre a bandeja de prata:

— Me desculpe, majestade! No Brasil. para presentear o rei, a gente não tem outra coisa senão isto...

E aponta o cacho de bananas. A Côrte, com espanto, vê, na bandeja de prata, faiscando, o mimo do caboclo: era um opulento cacho de bananas de oiro! Que lindo! Vastas pencas de oiro, grosso talo de oiro. tudo oiro!

A côrte cessou de rir. Manuel João Branco era um paulista precioso...

P A U L O S E T U B A L



... de ancias, de desejos ...

A pag. 105 de "O Mestre de Frances", por André A. Daux (1872) encontra-se esta anedota, sob o titulo "Cadeira feita á pressa:" Indo um dia ao paço certo embaixador de Carlos V, na côrte de Solimão, de Constantinopla, tratar de negocios com o imperador, reparou em que não havia na sala cadeira para elle; então, sem dar mostras de agastado, tira a capa, lança a ao chão, senta-se nella, e continua a falar ao grão Senhor. Acabada a audiencia, levanta-se, deixa ficar a capa onde a puzera e sae. — "Esqueceis a capa", diz o Turco. — "Os embaixadores del-Rei meu amo, responde o atrevidissimo e orgulhoso fidalgo, não costumam levar a cadeira em que se assentam".

O estylo em que está redigida esta anedota tem sabor classico, e de um classico decerto a transcreveu o A. do citado methodo.

Mas, a mesma anedota é narrada de modo differente e attribuida a outros personagens nas 1001 "Anecdotes", de Jean Pellier p. 119, da edição de 1839, e é dada como extrahida de Bernardin de Saint-Pier-



re, no "Essai sur J. J. Rousseau":

"Unp ambassadeur négre fut reçu par un gouverneur de Portugal dans une salle ou il n'y avait ponit d'autre fauteuil que celui ou il était assis. Quand l'ambassadeur noir fut prés de lui, le Portugais lui demanda, sans se lever: "Votre Maitre est-il bien puissant?" Le négre fit assitôit coucher par terre deux de ses eschaves, s'assit sur leur dos puis se recueillant un moment, il dit gravement au gouverneur: "Mon maitre a une infinité de serviteurs comme toi, cinquante comme le roi ton maitre, et, un comme moi". A ces mots, il se leva et sortit. Cependant ses esclaves restai-ent accroupis dans la salle d'audiencia; on fut lui dire de les rappeler; mais il répondit: "Ma coutume n'est pas d'emporter les fauteuils des lieux ou je m'assieds."

Como se vê, as versões são differentes, mas no fundo a anedota é a mesma.

Devemos ter como certo que ha exemplo dessas embaixadas negras ao reino de Portugal. Haja vista a do Rei dos Jalôfos recebido por D. João II, em 1488, e tão pittoresca-

A treva, densa, cae
amortalhando o corpo
frio da noite
e o vento num açoite,
pragueja nos pinhaes.
Penso que estás distante.
e que não voltas mais...
Soluços de mulher abandonada
ululam no meu peito...
Busco, na sombra, a sombra do teu vulto,
na vóz do vento a tua vóz escuto,
e como cresce a noite, vae crescendo
esta febre minaz!
O chicote da insomnia me calcina...
Recresce a fome estranha de teus beijos,
a sede de carinhos,
um desejo lascivo de viver,
ou, por outra--morrer
entoando
o cantico sagrado
da divina epopéa do Peccado!...

M A R I L I T A
P O Z Z O L I



mente relata pelo conde de Sabugosa ("Bóbos na côrte", p. 153 e segs).

Aquellas aneddotas fazem tambem lembrar a do indio Ararigboia, a quem, assentando-se em posição incorreta e cavalgando uma perna sobre a outra, em presença do dr. Salema, em cuja casa estava de visita, mandou-lhe este dizer por um interprete que a posição em que estava não era conveniente deante do governador, representante da pessoa do Rei. Ao que respondeu o indio: Se souberas quão cansadas



D U S B O D E C A S

*A maior, fala anda,
canta, dança e serve
de' mamã' á menor...*

tenho as pernas das guerras em que seivi el-rei, não extranharas o dar-lhes eu agora este pequeno repouso; mas já que me achas pouco cortezão, vou-me para a minha aldeia, onde não curamos desses pontos e não voltarei mais a tua côrte.

Como não são raros os casos de uma narrativa suggerir outra não é coisa de extranhar que essa do valente Ararigboia não passe de uma simples parodia, e nada tenha de real, até porque a lenda é a poesia da historia...



O casal Antonio Germano Regucira Pinto de Souza, cujo 34.º anniversario de casamento passa amanhã



CONTOS SEMANAL



UM SARA'U NO CEU

Deus lembrou-se um dia de dar um sarau nos seus paços azues.

Convidou todas as virtudes; cavalheiro nenhum damas, sómente.

Vieram muitas virtudes, grandes, e pequenas, e estas eram mais affaveis e cortezes do que as grandes: mas todas pareciam satisfeitas e conversavam polidamente, como deve acontecer entre pessoas intimas e aparentadas.

De repente, o Padre Eterno notou duas bellas damas, que pareciam desconhecidas uma á outra.

— Apresento-lhe a BENEFICENCIA, — disse elle, designando a primeira. Apresento-lhe GRATIDÃO — accrescentou apontando para a segunda.

As duas virtudes ficaram indizivelmente pasmadas; desde que o mundo é mundo, era a primeira vez que se viam.

Logo que findou a festividade, a celestial orchestra dos anjos entoou uma saudosa harmonia, e os convivas fizeram as despedidas do estylo com o respeito e etiquetas devidos á Côte Empyrea, indicando cada uma das uirtudes, ao separar-se, o lugar em que podia ser encontrada; e assim, disse a FÊ que a sua morada era nas grandes almas

e corações firmes; a Caridade disse que no seio das pessoas amantes da BENEFICENCIA, sua irmã gêmea; a HONRA, que a procurasse virgens, na frente dos homens de bem e nas da mulher honesta; a ESPERANÇA, que estava em todos os logares por onde não passasse o seu maior adversario — o DESENGANO; a ABNEGAÇÃO, onde não mora o INTERESSE; a CONSCIENCIA, na alcova e na habitação da sua prima carnal — A FÊ, etc.

E, assim por deante, cada virtude fazia a sua despedida, declarando ás outras onde a deviam encontrar; mas notava-se que uma das virtudes, triste e succumbida, se conservava de cabeça baixa, com os olhos banhados em lagrimas e sentada a um canto, sem se resolver a sahir com as outras:

— era a VERGONHA.

— Dá-me um abraço — disse-lhe a HONRA — e declara-me onde te posso encontrar.

— Ah! — exclamou a VERGONHA. — A razão do meu abatimento e tristeza é muito justa, porque vejo que as minhas amigas se separaram e designam as suas moradas, enquanto eu só posso dizer-lhes com profunda dôr — que quem me perde uma vez, nunca mais me encontrará.

CATULLE
MENDÉS

S.A. REVISTA DA CIDADE

CAPITAL SOCIAL 200:000\$000

RUA DO IMPERADOR PEDRO II, 207

End. Teleg. REVISTA -- PHONE, 6015

DIRECTOR PRESIDENTE — *Major Adolpho Cavalcanti*
" THESOUREIRO — *Senador Wallredo Pessoa*
" SECRETARIO — *José Penante*
" GERENTE — *Dr. José dos Anjos*

OFFICINAS APPARELHADAS PARA TODO
TRABALHO GRAPHICO

"REVISTA DA CIDADE"

o magazine de maior circulação em todo
o norte do Brasil e o unico que tem
officinas e organização proprias.

ASSIGNATRUAS :

UM ANNO	---	48\$000
SEIS MEZES	---	25\$000

SUCCURSAL NO RIO DE JANEIRO A CARGO DO

Dr. LUIS MENDES

Praça Floriano Peixoto, 19

4.º andar Sala da frente

(Editicio Imperio)

Tel. C. 2859—Endereço telegraphico—FANEIRA



CHOCOLATE BEIJA-FLÔR

MELHOR QUE UM BEIJO!

RHEUMATISMO E SYPHILIS TERCIARIA

Temos necessidade de aconselhar

EIS O QUE DIZ UM MEDICO



Dr. Arthur Gonçalves, doutor em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro, chefe de clinica na Santa Casa de Misericordia do Recife, professor da Escola de Odontologia de Pernambuco.

Attesto que tenho empregado em clinica o *Elixir de Nogueira*, formula do pharmaceutico chimico João da Silva Silveira, obtendo sempre os melhores resultados, nos casos em que o medico tem necessidade de aconselhar um bom depurativo.

Recife, 2 de Maio de 1917.

Dr. Arthur Gonçalves

O medico: — Não é possível, pois deixei, hontem, quatro desenganados.

O enfermeiro: — Sim; porém um se negou, terminamente, a tomar o remedio.

ATELIER DE GRAVURAS

EMILIO FRANZOSI

Fabrica de Placas esmaltadas, metal e letreiros

GRAVURAS

para alto relevo sobre metal e aço. Cunjagem de medalhas e distinctivos. Fôrmas para sabonetes. Marcas a fogo e recortadas. Sinetes para la- cre. Carimbos de aço, metal e borracha

Premiada com Diploma de Honra e Medalha de Ouro

TRABALHOS GARANTIDOS

Rua General Abreu e Lima, 265

Telephone, 6418

Esquina com a rua de Cajú

Num trem de suburbios, um cavalheiro antes de accender um charuto, dirige-se, com toda a urbanidade, para a sua vizinha, uma bonita senhora, acompanhada por um menino:

— A tumaça não incomoda V. Ex.!?

Ao que o pequeno responde vivamente:

— Não senhor, mamãe tambem fuma!

O enfermeiro: — Morreram tres doentes, esta noite.



Guarana Champagne

*A excelente bebida
sem alcool!*

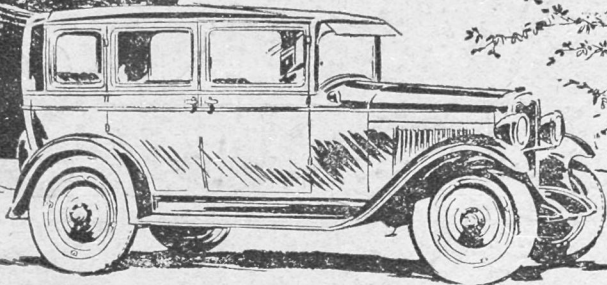
*O melhor refresco
que contem, de
facto, o legitimo
Guarana do Ama-
zonas*

Fabricação da

"ANTARCTICA"



Conforto e Dirigibilidade



Dotado de um conforto unico na sua classe, Chevrolet allia a essa qualidade a extraordinaria facilidade de dirigir.

Uma experiencia feita com o novo Chevrolet revelar-vo-s à de prompto a razão da preferencia que elle mereceu por parte da mulher: o conforto e a facil dirigibilidade — qualidades essenciaes para a "chauffeuse"

PREÇOS f. b. o. RECIFE

Turismo	7:700\$000
Barata	7:700\$000
Coche	9:950\$000
Sedan	10:600\$000
Chassis	7:800\$000
Cabriolet	11:351\$000
Coupé	10:600\$000
Landau	11:900\$000

Além disso, a belleza attrahente das carroserias bem proporcionadas, a solidez e segurança do chassis reforçado e as notaveis condições de funcionamento do potente motor Chevrolet, de valvulas na tampa, são elementos que — combinados com o conforto e a facil dirigibilidade — muito contriburam tambem para tornar o novo Chevrolet, o carro favorito da mulhe..

GENERAL MOTORS OF BRAZIL, S.A.
CHEVROLET PONTIAC OLDSMOBILE OAKLAND BUICK VAUXHALL L'ASALLE CADILLAC CAMINHÕES GMC

AGENTES CHEVROLET AUTORIZADOS NESTA CAPITAL

P. Villa Nova & Cia.

M. A. Pontual & Cia.

51 Rua Visconde de Camaragibe—51

133—Av. Marquez de Olinda—133

AGENTES AUTORIZADOS NAS PRINCIPAES CIDADES DO PAIZ